

# O COMPARATIVO E O SUPERLATIVO EM PORTUGUÊS

## Estudo histórico-comparativo

Clóvis B. de Moraes

Consta êste trabalho de três partes. Na primeira tratamos das formas latinas, na segunda tentamos acompanhar seu desenvolvimento no latim vulgar, e na terceira discutimos os fatos românicos, dando atenção especial ao português.

Esforçamo-nos por aproveitar as críticas, correções e sugestões, abundantes e cuidadosas, apostas à redação original — aliás muito menor que a presente — pelo prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, Assistente da Cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a quem aqui consignamos nosso preito de gratidão.

1. **O comparativo e o superlativo em latim.** Ao lado da forma simples do adjetivo, possuía o latim duas formas reforçadas: o comparativo, em —ior, e o superlativo, geralmente em —issimus.

2. **Significado do comparativo.** O comparativo era, originariamente, um intensivo que indicava, sem nenhuma comparação com outro têrmo, a existência de certa qualidade num grau relativamente elevado. Ernout e Thomas, *Syntaxe*, citam os seguintes exemplos: “suspicio durior” (Cícero, *Sest.*, 59), uma desconfiança particularmente torturante; “senectus est natura loquacior” (Idem, *C. M.*, 55), a velhice é por natureza particularmente tagarela. “Lugete, o Veneres Cupidinesque, / Et quantum est hominum uenustiorum.” (Catulo, 3). “Viuamus,

mea Lesbia, atque amemus, / Rumoresque senum seueriorum / omnes unius aestimemus assis.” (Idem, 5)<sup>1</sup>.

Depois passou o comparativo a designar a superioridade de uma pessoa ou coisa em relação a outra.

**3. Significado do superlativo.** Expressia o superlativo o mais alto grau da qualidade considerada em si (superlativo absoluto) ou em relação a um conjunto (superlativo relativo). Como as duas noções eram expressas por uma mesma forma, o sentido podia ser determinado pelo contexto. “*Altissima arbor*” podia significar “uma árvore altíssima” (superlativo absoluto), ou “a árvore mais alta” (superlativo relativo).

**4. Formas do comparativo.** Os adjetivos latinos faziam o comparativo em **—ior**, a partir da forma normal: **facilis, faciliior; peritus, peritior; prodens, prodentior**. Mas os comparativos de **bonus, malus, magnus** e **paruus** eram um pouco diferentes: **melior, peior, maior** e **minor**, respectivamente.

**5. O comparativo analítico.** Nem todos os adjetivos admittam o sufixo, como por exemplo os terminados em **—eus, —ius, —uus**. Nesse caso, recorria-se ao auxílio do advérbio **magis**: “*magis idôneus*”.

Essa construção analítica usava-se às vezes com adjetivos que possuíam o comparativo sintético. Observa Bourciez que em Plauto se encontra **magis aptus** ao lado de **aptior**, e que **plus**

---

(1) Uns traduzem em Portuguêsês êsse «comparativo absoluto» pelas expressões *um tanto, algum tanto, um tanto ou quanto, algo, um pouco*, correspondentes aos advérbios ingleses *somewhat* e *rather*: a velhice é um tanto tagarela, she is somewhat deaf, it is rather cold. Tais expressões, porém, parecem indicar atenuação, e não ênfase. Por outro lado há quem traduza *bem, bastante, muito tagarela* para deixar nítida a noção de ênfase. Agora, porém, êsses advérbios parecem fortes demais, e o todo corresponderia a um superlativo, e não a um comparativo. Parece-nos mais feliz a solução de Ernout e Thomas: particularmente, especialmente tagarela. A tradução literal não exprime a mesma noção do original, porque em português permanece inerente a idéa de comparação: se disséssemos “a velhice é mais tagarela», ficaria subjacente um termo de comparação: «do que a mocidade», por exemplo.

O Grego conhecia a construção: «*Êdoxen he apókrisis eleutherotéra einal. La réponse parut un peu trop libre*”. (Ragon, *Grammaire Grecque*, ed. de 1953, §238)

**miser**, por **miserior**, ocorre em Ênio. Posteriormente se acentuou essa tendência ao analitismo, e o advérbio **plus** entrou a concorrer com **magis**.

6. **Formas do superlativo.** O sufixo mais comum era **—issimus**, mas os adjetivos em **—er** faziam o superlativo em **—rimus** (**pulcher**, **pulcherrimus**) e seis adjetivos em **—ilis** faziam em **—limus** (**facilis**, **difficilis**, **similis**, **dissimilis**, **gracilis**, **humilis**). **Nobilis** e **utilis** faziam normalmente **nobilissimus** e **utilissimus**. **Bonus**, **malus**, **magnus** e **paruus** tinham como superlativo **optimus**, **pessimus**, **maximus** e **minimus**.

7. **O superlativo analítico.** Semelhantemente ao que acontecia com o comparativo, os adjetivos que não admitiam sufixo formavam o superlativo analiticamente, por meio de **maxime**, processo que se applicava às vèzes a outros adjetivos: “**maxime feri**” (César, **B.G.**, 2, 4).

Usava-se também o advérbio **multum**, que posteriormente veio a suplantar **maxime**. Segundo a observação de Bourciez, **multum**, já freqüente em Plauto — o que indica o caráter popular da construção — aparece também em Cícero (“uir **multum bonus**”) e em Horácio (“ianua **multum facilis**”).

8. **Outros recursos.** O latim exprimia ainda o superlativo, bem que menos freqüentemente, por meio de prefixos (**perfacilis**, **praeclarus**, **praepotens**), e pela repetição do adjetivo: “**Liber, liber sum**”. (Horácio, **Sátiras**, 2, 7,92).

Usava-se o comparativo seguido de um genitivo partitivo para indicar o **mais... dos dois**: “**ualidior manuuum**”, a mais forte das duas mãos.

9. **Refôrço do comparativo e do superlativo.** Para reforçar o comparativo e o superlativo, usava o latim **multum** ou **multo**: “**multum improbiores**” (Plauto, **Most.**, Garnier, v. 815), “**multum hic robustior illo**” (Juvenal, ed. Belles Lettres, 10, 197); “**multo maxumus**” (Plauto, **Anfitrião**, 782 e 994, **Aul.**, 667). Aparece na prosa clássica a tendência de reservar **multo** para o comparativo: “**multo doctior**”. E com o sentido de **ainda**, encontra-se **etiam**: “**etiam dignior**”, ainda mais digno.

O superlativo era outrossim reforçado por **longe, uel, facile, unus omnium**: “longe nobilissimus”, “uel maximus”, “facile doctissimus”, “res una omnium difficillima”.

Para indicar o mais alto grau possível, usava-se **quam** com uma forma do verbo **possum**, expressa ou não: “iumentorum et carrorum quam maximum numerum coemere, sementes quam maximas facere” (César, **B. G.**, 1, 3), comprar o maior número possível de animais de carga e de carroças, fazer o maior número possível de sementeiras; “naues [...] quam plurimas possunt, cogunt” (Idem, **ibidem**, 3, 9), “reúnem [...] quanto mais navios lhes é possível.” (Sotero dos Reis).

Em Apuleio e Columela se encontram exemplos de acumulação de prefixo e sufixo: **praenobilior** (Apuleio, **Florida**, 3, 355), **perpaucissimi** (Columela, 3, 20, 5).

10. **Construção do comparativo e do superlativo.** Essas duas formas enfáticas do adjetivo podiam construir-se absolutamente ou com um complemento. Mas enquanto se classifica o superlativo como relativo ou absoluto conforme venha ou não acompanhado de complemento, ao comparativo não se costuma aplicar essa classificação, embora a construção seja a mesma.

11. **Complemento do comparativo.** Quando o comparativo se construía com um complemento (“comparativo relativo”), era êle introduzido pela conjunção subordinativa **quam**, subentendendo-se uma segunda oração, ou ficava no ablativo: “fortior quam frater (est fortis)”, ou “fortior fratre”, mais forte que o irmão.

12. **Comparação de duas qualidades do mesmo ser.** Quando se comparavam duas qualidades de uma mesma coisa ou pessoa, o complemento do comparativo era introduzido por **quam** e o segundo adjetivo tomava também a forma do comparativo, por atração: “timidior est quam prudentior”, êle é mais

tímido do que prudente. “Magis timidus est quam prudens” teria um significado algo diferente<sup>2</sup>.

13. **Complemento do superlativo.** O superlativo relativo admitia um complemento no genitivo ou regido da preposição **ex**: “Romanorum eloquentissimus” ou “eloquentissimus e Romanis”, o mais eloquente dos romanos. “Acerrimus ex omnibus nostris sensibus” (Cícero, **De Or.**, 2, 357). Menos freqüentemente se usava a preposição **inter**: “honestissimus inter suos numerabatur” (Cícero, **Rosc. Am.**, 6, 16), “ille Croesus, inter reges opulentissimus” (Sêneca, **Controv.**, 2, 9), “inter Atheniensis longe clarissimi” (Curt., 4, 13, 15).

14. **No latim vulgar.** Ainda que as formas sintéticas desapareceram, talvez tivesse o latim vulgar conservado, provavelmente por influência da Igreja, algumas formas irregulares muito usuais do comparativo (**melior, peior, maior e minor**), que se perderam na Dácia. O superlativo não sobreviveu no

(2) «Cuando se establece una comparación entre dos cualidades indicándose que se posee en más alto grado una que otra, caben dos construcciones:

- 1) Determinar, como em espanhol, el primer adjetivo con *magis*; por ej.: *magis audius quam prudens*.
- 2) Formular los dos adjetivos en grado comparativo (el segundo debería enunciar-se en forma positiva, pero por atracción adopta dicho grado); por ejemplo: *auditor quam prudentior* (en vez de *prudens*).

La primera construcción es frecuente en todas las épocas; la segunda se generaliza sólo a partir de la época clásica».

(Bassols de Climent, *Sintaxis latina*, vol. I, pág. 166, §149).

Greiner e Billoret traduzem “felicior est quam peritior» literalmente por «il est plus heureux plutôt que plus habile” e em linguagem corrente por «il est encore plus heureux qu’habile”, observando que «magis felix est quam peritus» significaria “il est heurreux plutôt qu’habile».

E O. Riemann ensina, a páginas 18 e 19 de sua *Syntaxe Latine*:

«a) Lorsqu’on veut marquer qu’une personne ou qu’un objet possède telle qualité à un plus haut degré que telle autre qualité (qu’il possède également, mais à un degré moindre), les adjectifs ou les adverbes qui désignent ces deux qualités se mettent *l’un et l’autre* au comparatif; «*fortior est quam prudentior*», «il est encore plus brave qu’il n’est habile” [...].

b) Pour marquer qu’une personne ou un objet possède telle qualité *plutôt* que telle autre (qu’on ne saurait raisonnablement lui attribuer), on se sert régulièrement de *magis (potius)*... *quam*: «*magis fortis quam prudens est*», «il est *plutôt* brave qu’habile». Mas transcreve logo a seguir um exemplo de Cícero, *De opt. gen. orat.*, 6, em que *acutiorum quam ornatiorem* estaria por *acutum magis quam ornatum*.

O Grego possuía também as duas construções: Andreiótéros estin è sophóteros, andréios mállón estin è sophós. (Riemann et Gcelzer, *Grammaire grecque complète*, 28 e éd., § 153).

falar do povo, e os graus passaram a ser expressos por **magis**, **plus** e **multum**.

Nos textos dos padres da Igreja também se encontram construções perifrásticas: “Et cum essem magis bonus, ueni ad corpus incoinquatum.” (Vulgata, **Sapientia**, 8.20). “Multum religiosus” (Beda, **Hist.**, 4, 22, apud Blaise).

Desde o século V certas regiões começam a demonstrar a predominância de **magis**, entretanto que em outras **plus** se vai tornando mais usado.

15. **O complemento do comparativo.** Conservaram-se ambos os processos clássicos de construir o complemento do comparativo (§11), havendo o uso popular introduzido no segundo caso a preposição **de**, sucedâneo normal do ablativo: “plus fortis quam frater” ou “plus fortis de fratre”. O uso posterior de **que** supõe confusão de **quam** com a conjunção integrante (**quod**, **quid**).

16. **O complemento do superlativo.** Dos dois modos de construir o superlativo relativo (§13), o que persistiu no latim vulgar foi o em que se usava preposição, com as seguintes modificações: substituição do superlativo pelo comparativo analítico e emprêgo da preposição **de** em lugar de **ex** “magis eloquens de Romanis”, “magis fortis de ceteris”, por “fortissimus ceterorum”.

17. **Nas línguas românicas.** Como o latim vulgar perdera as formas sintéticas, as que existem nas línguas românicas foram reintroduzidas tardiamente.

18. **“Magis” e “plus”.** **Magis** conservou-se no português, espanhol e romeno; em francês, italiano, rético e sardo predominou **plus**: port. mais formosa, esp. más hermosa, rom. mai frumoasa; fr. plus belle, it. più bella, engad. pü bella. No português antigo aparece também **chus**. O provençal tem **pu**, **plus**, **mai** e **miés**: pu poulit, ou plus poulit, mais bonito; mai ferme, mais forte; miés amistous, mais amistoso.

19. **As formas do comparativo.** No Oriente desapareceu o comparativo sintético e no Ocidente só sobreviveram as quatro formas **melior, peior, maior e minor**. O francês antigo tinha **mieudre meillor, pire peior, maire maior, meindre menor** e o provençal **mèlher melhor, pèier peior, máier maior, menre menor**. As outras que aparecem no francês e no provençal antigos, geralmente as mesmas nas duas línguas, devem-se à tradição literária: fr. ant. **graindre graignor** (grandiorem), **joindre joignor** (iuniorem), e alguns casos oblíquos isolados, **halzor, forzor, genzor**, em provençal **aussor, gensor, belazor, sordeior**.

Enquanto em latim as formas **superior, inferior**, etc., eram comparativos e se construía como tais (“non inferior fuit patre” ou “quam pater”), modernamente perderam a noção de comparativo e são usadas como simples adjetivos: *êle é superior aos outros escritores, sentirsi inferiore a se stesso, une action antérieure à une autre*.

As quatro formas que permaneceram no Ocidente não devem representar uma herança genuinamente popular, visto que ao lado delas coexistem as formas analíticas, que são mais populares.

No sardo não se conservaram **melior e peior**, enquanto **maior e minor** são freqüentemente usados com valor de adjetivo positivo.

O francês não usa **majeur**, mas **plus grand** (a não ser em **la majeure partie**), e diz **moindre** ou **plus petit, pire** ou **plus méchant, plus mauvais**, embora não empregue **plus bon** em lugar de **meilleur** (fem. **meilleure**): “l'épaisseur de ce mur est moindre que celle du mur voisin”, “la crainte du mal est pire que le mal même”, “ce vin est pire ou plus mauvais que l'autre”, “ce remède est pire ou plus mauvais que le mal”. Nas expressões indefinidas encontra-se **pis** (do neutro **peius**): *il n'y a rien pis que cela*”.

Em italiano êsses adjetivos formam regularmente o comparativo: **grande, più grande; piccolo, più piccolo; buono, più**

**buono; cattivo, più cattivo;** mas possuem também a forma sintética: **maggiore, minore, miglore e peggior**. Como são diferentes das formas positivas, podem ser sentidas como palavras diversas, independentes da forma normal. Quando as acolheu, o italiano começou a perder a consciência de seu grau orgânico, porque já estava acostumado a indicar o comparativo unicamente mediante a partícula **più**; e por isso não é raro ouvir dizer, aliás erroneamente, **più migliore, più peggior**, etc (Battaglia).

20. **Em português.** As formas analíticas dos quatro comparativos portugueses têm sofrido forte oposição de gramáticos e professôres; por isso são comumente consideradas rústicas e errôneas. Insiste-se no uso exclusivo das formas sintéticas.

Semelhantemente ao que sucede em francês, não se usa **mais bom** em português; **mais grande** arcaizou-se, **mais ruim** e **mais mau** são raros, porém **mais pequeno** é muito comum, embora esteja caindo em desuso, especialmente no Brasil.

Importa dizer que na fala do brasileiro inculto vigoram tôdas as formas analíticas (**mais bom, mais grande**, etc.), e quando aparecem as formas sintéticas, vêm elas precedidas do advérbio **mais** (**mais maió, mais mió**), o que demonstra seu desgaste semântico.

#### 21. **Pior. Mais mau e mais ruim** são raros:

"No âmargo daquele coração tinha-se cravado um espinho aguçado, que lho mordida incessante, que por acessos o desesperava e o fazia mais mau, mais sobranceiro, mais déspota e cruel do que êle por natureza era." (Garrett, *O Arco de Santana*, cap. XXVIII, pág. 183).

Neste exemplo de Garrett, **mais mau** tem um sentido moral, que talvez não se exprimisse tão claramente com a forma **pior**.

"Os pensamentos eram tão teimosos como a dor, e ainda mais ruins que ela.» (Machado, *Quincas Borba*, cap. LII, pág. 110).

**Pior** já vem em Fernão Lopez: "ouuerom de uos peor rreposta". (Nunes, *Crestomatia*, pág. 193).



**22 Maior. Mais grande** está completamente arcaizado. A **Gramática histórica** de F.T.D. transcreve a páginas 348 alguns exemplos: “a raiz da zerumba he mais grande” (Garcia da Orta), “acodio logo alli com outra mais grande” (Zurara), “mais grande memória e grande voontade” (D. Duarte). Cita ainda exemplos espanhóis modernos, de Menéndez y Pelayo.

O português antigo tinha as formas **maor**, **moor**, **mor** e **maior**:

«o jffante dom Joham, que era moor que el'». (Fernão Lopes, *Crônica de D. Fernando*, apud Nunes, *Crestomatia*, pág. 190). “Que mor dita pera um principe [...]”? (Sousa, *Vida*, livro II, cap. XXVII, vol. I, pág. 320).

**23. Menor.** Encontram-se exemplos clássicos e modernos de **mais pequeno**:

«Das quais figuras umas eram de maior estatura, outras de mediana, e outras mais pequenas». (Bernardes, *Floresta*, I, 1.).

“porém são obras mais pequenas e sem parergos nem excursos”. (Idem, *ibidem*, I, 3).

“as faltas, quanto mais longe estão de nós lá postas em outrem, tanto nos parecem maiores; e quanto mais sobre nós estão, tanto nos parecem mais pequenas.” (Idem, *Sermões*, I, 64).

“A ala esquerda, mais pequena que as outras duas”. (Herculano, *Eurico*, cap. IX, pág. 88).

“Era uma corda branca e delgada, onde se prendiam outras mais pequenas”. (Ferreira de Castro, *A Selva*), pág. 137).

**24. As formas do superlativo.** A forma sintética do superlativo que aparece nas línguas românicas é uma contribuição importante da erudição latina, medieval e da Renascença. É de notar que o novo superlativo tem valor mais forte que a forma analítica popular, tanto em português como em espanhol e italiano.

Provam seu caráter erudito a escassez de formas sintéticas no escritores italianos mais antigos, a limitação de suas funções (funciona apenas como superlativo absoluto) e especialmente seu aspecto fonético (it. *fortissimo*, não *fortessimo*; fr. *altisme*, não *altesme*).

O superlativo sintético foi reintroduzido cedo no italiano, mesmo no uso popular, e permaneceu muito vivaz. Operou-se sem êxito tentativa semelhante no francês antigo onde aparecem como latinismos, embora raros, **fortisme**, **saintisme**.

Na Renascença o superlativo se difundiu no catalão, espanhol e português, em parte por imitação do italiano mas também por latinismo. Não conseguiu fixar-se no provençal nem no francês, onde não logrou êxito nova tentativa (**belissime**).

Em espanhol existem formas alatinadas (**fiel**, **fidelissimo**; **noble**, **nobilissimo**; **áspero**, **aspérrimo**), mas a vernaculização é freqüente (**asperissimo**, **dificilissimo**).

Em italiano se perpetuaram formas latinas (**integerrimo**, **celeberrimo**), mas em geral a naturalização é completa (**poverissimo**, **dificilissimo**, **dolcissimo**).

O provençal tem alguns superlativos em — **isme** e em — **issime** (**autisme**, **santisme**, **bounissime**, **richissime**, **clarissime**).

O francês tomou emprestado alguns superlativos do italiano, mas só aparecem no tratamento protocolar, na linguagem jocosa ou familiar (**illustrissime**, **sérénissime**, **éminentissime**, **révérendissime**, **nobilissime**, **grandissime**, **amplissime**, **savantissime**, **rarissime**, **richissime**).

25. **Em português.** Das três línguas românicas que adotaram o superlativo, o português é a que mais se apóia no modelo latino. Na língua clássica surgiu a tendência de juntar o sufixo a temas vernáculos; essas formações, porém, perderam o prestígio e são consideradas mais ou menos rústicas.

26. **Temas vernáculos.** Em Arrais, **Díálogos**, I, cap. XVIII, pág. 47, encontra-se **facilissimo** e em Heitor Pinto, **Imagem da vida cristã**, I, 249, vem **dificilissimo**, formas completamente desusadas, vencidas pelas latinas **facilimo** e **dificilimo**.

**Docissimo** e **nobrissimo** aparecem no mesmo livro de

Heitor Pinto, I, 334 e II, 332. Mas **dulcíssimo** já vem em Bernardes, **Luz e calor**, 506, **Tratados**, II, 319 e 320, **Paraíso**, 307, 310 e 314. **Nobilíssimo** foi também usado por Bernardes, **Tratados**, II, 485, **Paraíso**, 16, por Coelho Neto, **Frechas**, pág. 261.

**Miserabilíssimo** e **asperíssimo**, formas hoje abandonadas, encontram-se em Sousa, **Vida**, livro I, cap. XXIV, vol. I, pág. 142 e livro II, cap. XXVII, vol. I, pág. 323. Em Bernardes, **Luz e calor**, pág. 506, **miserabilíssimo**.

Bernardes usava **negríssimo** (**Floresta**, I, 274 e II, 13), **pobríssimo** (*ibidem*, II, 145), **agudíssimo** (*ibidem*, I, 252).

**Terrívelíssimo** é de Vieira, **Sermões**, I, 1053, substituído por **terribilíssimo** (**Herculano**, **Eurico**, cap. VII, pág. 47).

**Cruelíssimo** vem em Bernardes, **Exercícios**, II, 303, **Paraíso**, 310, Vieira, **Sermões**, XI, 272, Camilo, **Doida**, cap. XXVII, pág. 161, conclusão, pág. 218. **Crudelíssimo** já na **Crestomatia** de Nunes, pág. 211 e em Camilo, **Doida**, pág. 217.

27. **Data de entrada**. Carneiro Ribeiro, **Serões**, 324, Carlos Pereira, **Gram. hist.**, 153, Otoniel Mota, **O meu idioma**, 33 e Cândido Jucá, **Gram. brasileira**, 129, afirmam que o superlativo sintético entrou no português no século XVI. De fato, na parte de prosa da **Crestomatia arcaica**, por exemplo, só aparecem três formas, tôdas do século XVI: **crudelíssimo** (pág. 211), **dulcíssimo** e **cruelíssimo** (pág. 214). No **Livro de Esopo** já se lê, entretanto, como nota Otoniel Mota, “ó gema preciosa e nobilíssima”.

28. **Ótimo**. Segundo Pedro Machado, **Dicionário etimológico**, **ótimo** é do século XVII. Aparece em Vieira, **Sermões**, vol. VI, ed. de 1688, pág. 58, em Bernardes, **Estímulo**, ed. de 1730, pág. 82. Na **Crestomatia** aparece sempre **mui bom** (págs. 119, 160, 197). Na linguagem moderna **muito bom** é mais comum que **ótimo**. “Extremamente boa” em Machado, **Contos fluminenses**, I, 312. **Boníssimo** se usa para o sentido moral de **bom**, com raras exceções:

«Alegra-te, irmã, que este é boníssimo sinal que o Senhor te quer favorecer nesta santa contemplação» (Bernardes, **Paraíso**, 354). «Como se elle tivesse a predestinação destes arcanjos bonísimos». (Camilo, **O demônio do ouro**, vol. II, cap. XX, pág. 176). «Fulano é uma criatura boníssima».

**Otimíssimo** é da linguagem familiar (Júlio Ribeiro, **Gram.** § 438, pág. 250, Eça, **A ilustre casa de Ramires**, pág. 63)

“Se já por essa noite dos tempos fôsse conhecido o anarquismo, é provável que a opinião do historiador fôsse esta: que, embora péssimo, era um governo ótimo.” (Machado, **A semana**, II, 8-9).

**29. Péssimo.** Diz-se **péssimo** ou **muito mau**, mas **malíssimo** é raro. Para a entrada desta forma em português Pedro Machado indica o século XVIII e cita um exemplo de Cruz e Silva, **O Hissope**, V, pág. 78, mas a 10.<sup>a</sup> ed. do Dicionário de Moraes consigna dois exemplos de Pantaleão de Aveiro, **Itinerário**, cap. 57, 330, e cap. 67, 377, cuja 1.<sup>a</sup> ed. é de 1566, um exemplo de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) e um de Frei Antônio das Chagas (1631-1682). Outros exemplos: “êsses ímpios e péssimos cristãos” (Bernardes, **Estímulo**, pág. 77). “As suas primeiras palavra são uma parvoíce, e as últimas que lhe saem da bôca são um erro péssimo.” (Figueiredo, **Eclesiastes**, 10.13).

**Malíssimo** foi usado por Camilo, **A Enjeitada**, cap. XXI, pág. 183: “Fechara-se a digerir o seu fel aquella senhora, cuja antiga docilidade degenerara na malíssima e cega paixão do orgulho”.

**Muito mau** é comum e antigo: “mas vio-lhe fazer muy mao comtinemte”. (**Crestomatia**, pág. 110).

“Ordinariamente, al decir que un vino es **óptimo o pésimo** no queremos decir que es el mejor o el peor, sino que es muy bueno (o **bonísimo**), o muy malo (o **malísimo**).” (Gili y Gaya, **Sintaxis**, § 171, pág. 202).

**30. Formas haplológicas.** Ao lado de formas plenas, encontram-se outras que sofreram haplologia, as quais, contudo, não

são substitutos das formas primitivas: **esplendíssimo** (Camilo, **Doida**, cap. XXIV, pág. 146), **esplendidíssimo** (Bernardes, **Paraíso**, pág. 16).

Mário Barreto, nos **Novíssimos estudos**, pág. 161, citando Bernardes, **Paraíso**, pág. 58, copia erradamente **candíssimo**; no original vem a forma plena. Também Moraes, no verbete “**candíssimo**”, cita Camilo, **O senhor do paço de Ninães**, 207, mas a 4.<sup>a</sup> ed., de 1911, cap. XXI, pág. 185, que pudemos consultar, traz “**candidíssimo**”. A forma plena aparece ainda na **Nova floresta**, I, 224, em Vieira, **Sermões**, XI, 290.

A tendência natural é fazer de **simples** o superlativo **simplíssimo**, mas a forma erudita é **simplicíssimo** <sup>3</sup>.

**31. Superlativo expressivo.** Adjetivos como **enorme**, **imenso**, **puro**, **perfeito**, **o mesmo**, em virtude de sua própria significação, não deveriam admitir superlativo, que entretanto é usado, como um recurso expressivo ou de ênfase:

“De todo coração peço perdão de minhas culpas, gravíssimas e enormíssimas culpas e das entranhas prometo emenda». (Sousa, **Vida**, livro III, cap. XVI, vol. I, pág. 138). “adverte que será fealdade enormíssima agravar em seu Filho diletíssimo aquela Senhora». (Bernardes, **Exercícios**, I, 123).

**Perfeitíssimo** vem na **Nova floresta**, I, 214, em Vieira, **Sermões**, V, 3. **Imensíssimo** em Eça, **Ilustre casa**, pág. 44. “o mesmíssimo esmero” e “a mesmíssima idéia” encontram-se em Machado, **Contos fluminenses**, I, 11, e II, 48.

**32. Adjetivos em —io.** Dos adjetivos em **—io**, uns têm

(3) *Simplicíssimo*, do latim *simplicissimus*, foi usado por:

Taunay, **Inocência**, cap. X, pág. 77, Figueiredo, **Lições práticas**, III, 48, **Falar e escrever**, I, 16, M. Barreto, **Fatos**, pág. 131, Fidelino de Figueiredo, **Um colecionador de angústias**, cap. XVI, pág. 146, Bernardes, **Floresta**, I, 239, II 58 e 60.

*Simplíssimo* foi usado por:

Figueiredo, **Reflexões**, pág. 314, Said Ali, **Meios de expressão**, 227, Machado **Contos fluminenses**, II, 332, Bernardes, **Tratados II**, 135.

—i— etimológico (*frigidus* frio, *serius* sério, *pius* pio, *proprius* próprio), precedido de consoante, e o conservam no superlativo: *friíssimo*, *seriíssimo*, *piíssimo*<sup>4</sup> *impiíssimo*<sup>5</sup>, *propriíssimo*<sup>6</sup>, e também *maciíssimo* (de macio). Outros têm um —i— eufônico (*foedus* feo, *feio*, *plenus*, *chêo* *cheo* cheio), que desaparece no superlativo: *feíssimo*<sup>7</sup>, *cheíssimo*.

33. **Adjetivos em —co.** Dos adjetivos em —co uns conservam a velar (*fraquíssimo*, *pouquíssimo*, *riquíssimo*, *rouquíssimo*, *sequíssimo*), outros a transformam em sibilante (*parcíssimo*, *pudicíssimo*, *rusticíssimo*. Érico Veríssimo usou *simpaticíssimo* (*A volta do gato preto*, IV, 244, apud Moraes) e *simpatiquíssimo* (*Olhai os lírios do campo*, cap. XIX, pág. 222). Moraes prefere a segunda forma, a nosso ver sem razão.

34. **Grandíssimo e grandessíssimo.** O superlativo *grandíssimo* é usado na linguagem sisuda:

“grandíssimo rigor de justiça” (Fernão Mendes Pinto, apud Alvaro Guerra, *Fragmentário clássico*, pág. 19)  
“grandíssimo estampido” (Bernardes, *Sermões*, I, 188),  
«obrigações grandíssimas” (Idem, *Tratados*, I, 5), “grandíssimas e preciosas promessas” Almeida II Pedro, 1.4),  
“grandíssima imperfeição” (Frei Antônio das Chagas, *Cartas espirituais*, pág. 42), “uma influência maior ou menor, às vezes grandíssima” (Herculano, *Cartas*, I, 224), “grandíssima vernaculidade” (Gonçalves Viana, *Palestras filológicas*, pág. 119).

(4) Bern., *Luz*, pág. 368. *Serm.*, I, 58.

(5) Bern., *Estímulo*, pág. 86. Figueiredo, *II Paralipômenos*, 24.7.

(6) Bern., *Estímulo*, pág. 420.

(7) *Feíssimo*:

Bernardes, *Luz e calor*, 66 e 344. *Os últimos fins*, 322. *Paraiso*, 125. *Exercícios*, I, 110. *Floresta*, II, 13, V, 252.

Vieira, *Sermões*, VI, 385; X, 55; XI, 318; XV, 14.

Camilo. *A queda dum anjo*, 3ª ed., conforme a 3ª última revista pelo autor. Lisboa, 1948, cap. XXXI, pág. 202. *Feíssimo*, forma injustificada, vem no *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, 1943, em Otorico Mendes, *A Ilíada*, canto II, verso 185, em Fça de Queirós. *A cidade e as serras*. 2ª ed., 1903, cap. IX, pág. 264 e em Camilo, *A queda dum anjo*, 5ª ed., 1907, cap. XXXI, pág. 222.

**Grandessíssimo** (pronuncia-se **grandíssissimo**) é uma forma reforçada que a linguagem popular usa em fórmulas de injúria:

“grandessíssimo desavergonhada” (Cândido de Figueiredo, *O que se não deve dizer*, II, 287), “grandessíssimo brejeiro” (Dinis, *Pupilas*, pág. 14), “grandessíssima alcaiota” (Herculano, *Monge*, I, cap. IV, pág. 75) “grandessíssimo tratante” (Idem, *Lendas*, II, 154), “grandessíssima tola” (Idem, *ibidem*, pág. 264), “grandessíssimo tranca” (Monteiro Lobato, *Urupês*, pág. 213).

35. **Mui muito**. Em razão de se ter arcaizado completamente o superlativo **mui muito**, hoje usamos apenas **muitíssimo**. Em Bernardes aparece a forma acastelhanada **muchíssimo** (*Exercícios*, II, 189), que é um caso isolado.

36. **Adjetivos em —il**. Dos adjetivos em —il (latim —ilis, §4), são muito comuns os superlativos **facilimo** e **dificilimo**. **Fragilimo** encontra-se em Gilberto Amado, *Inocentes e culpados*, 276, apud Moraes, em Euclides da Cunha, *Sertões*, pág. 121, em Otoniel Mota, *Horas filológicas*, pág. 22.

**Humilde** (latim *humilis*) tem três superlativos. **Humilimo** (latim *humillimus*) acha-se em *Os Lusíadas*, IV, 54, em Camilo, *O bem e o mal*, cap. VIII, pág. 106; **humilíssimo** vem em Dinis, *Serões*, pág. 242, em Herculano, *Monge*, II, cap. XXIV, pág. 240 e **humildíssimo** em Bernardes, *Floresta*, IV, 349.

**Habilimo** vê-se em Humberto de Campos, *O arco de Esopo*, pág. 178. **Agilíssimo** vem em Bernardes, *Tratados*, I, 265.

**Nobre** e **útil** fazem normalmente **nobilíssimo** (ou **nobríssimo**) e **utilíssimo** (Bernardes, *Paraíso*, pág. 4), como o latim.

37. **Superlativo em —rimo**. Os superlativos em —rimo (§4) são eruditos e pouco usados, preferindo-se modernamente a forma latina à vernácula.

**Asperíssimo** (Sousa, *Vida*, livro II, cap. XXVII, vol. I, pág. 323, Bernardes, *Exercícios*, I, 131, *Sermões*, II, 494) e **aspérrimo**. **Pobríssimo** e **paupérrimo**, **negríssimo** e **nigérrimo**, **magríssimo** e **macérrimo**, **salubérrimo**, **ubérrimo**, **libérrimo**,

**celebérrimo, misérrimo** (Coelho Neto, **Banzo**, pág. 63, E. da Cunha, **Sertões**, pág. 27).

Dêses superlativos destacou-se o sufixo **—érrimo**, que na linguagem falada moderna se usa com valor muito expressivo. Essas formas novas chamam a atenção porque o sufixo é pouco comum e porque é acrescentado a palavras de gíria, a neologismos ou a termos familiares: um sujeito chatérrimo (uma pessoa muito maçante), uma piada gozadérrima (engraçadíssima), uma piada infamérrima (sem graça nenhuma), um carro bacanérrimo (lindíssimo, muito bonito e vistoso), um dia abafadérrimo (quentíssimo), um rapaz alinhadérrimo (muito bem trajado, muito bonito), um processo simplérrimo (simplicíssimo), um bairro granfinérrimo (elegantíssimo), estou cansadérrima (cansadíssima), “salta uma coca geladérrima, com tampa!” (Sérgio Paulo Freddi, “Tampinhas e esperança”, in **Fôlha de S. Paulo**, 1.6.1965).

37. **Advérbios para a formação do superlativo analítico.** Como o latim vulgar (§5), as línguas românicas usam o advérbio **multum**, que é mais geral e antigo. O romeno usa **prea** (latim **prae**) e às vêzes **foarte** (latim **forte**): **prea frumos, foarte crud**. Fort aparece também no francês: “cette ville est fort belle”, “la prudence et la discrétion sont deux qualités fort estimables”.

38. **Multum.** **Multum** aparece em português, espanhol, italiano e francês antigo (**moult, molt**); **très** (latim **trans**) lhe fêz concorrência no francês médio, acabando por desarraigá-lo no século XVI.

A forma plena **mucho** aparece no espanhol antigo (**mucho honrado**) e sobreviveu na linguagem vulgar (**mucho bueno**), enquanto a língua moderna usa a forma apocopada (**muy santo**). O italiano tem **molto** (**molto prudente**).

O português antigo conheceu a forma plena e a apocopada: “**Muyt’alta**”, “**muyto tristes**”, **muito excellête**” (Nunes, **Crestomatia**, págs. 147, 162 e 182), bem como “**moy laida**”,



feíssima, “muy pensosa”, “muj muito”, muitíssimo, “muj com-  
ujnhauell”, muito conveniente (*Ibidem*, págs. 118, 142, 188,  
189).

Na linguagem falada moderna a forma reduzida é estranha e artificial; note-se que quando ela aparece esporadicamente, os que a usam não nasalizam o ditongo, sinal de que a aprenderam com os olhos, em leituras, e não com os ouvidos. Aparece na linguagem literária: “mui gracioso” (Nunes, *Crestomatia*, pág. 142 e Herculano, *Monge*, vol. II, cap. XXVI, 260).

39. **Assaz.** O latim *ad+satis* ou *ad satiem* é a origem do italiano *assai*, do francês *assez*, do espanhol *asaz* e do português *assaz*, que são usados para formar o superlativo.

*Assez* é um intensivo fraco, que corresponde a *passablement*, *pas mal* (“le livre est assez intéressant”, “cette femme est assez jolie”), ao passo que *assai*, *asaz* e *assaz* correspondem a *muito* (“um giorno assai caldo”, “asaz desdichado soy”).

No espanhol e no português antigos também se dizia *assaz de*: “asaz de clero está”, “maguer que yo sea asaz de sufrido” (*Quixote*, I, 43 e 25, apud Real Academia, *Gramática*, pág. 187); “assaz de triste” (Nunes, *Crestomatia*, pág. 204).

*Assaz* não é da lingua falada, mas da linguagem literária; os exemplos vêm em nota<sup>8</sup>.

---

(8) «de que está assaz contente pela muita parte que nisso lhe cabe». (F. de Moraes, *Palmeirim*, vol. I, cap. XLIX, pág. 280). «Contente fico assáz desta vitória». (Camões, *Elegia*, VIII, 7, apud Moraes). «Um terreno mui grande e assaz famosos». (*Os Lus.*, VII, 17). “Do que temos dito fica assaz claro que Portugal nunca teve unhas para furtar». (*Arte de furtar*, cap. XVII, pág. 91). «tem piedade de nós, pois estamos assaz fartos de desprezo». (Almeida, *Salmô* 123.3. Figueiredo lê «mui fartos”: 122.3). «Não tanto pela vez, como pelo contacto das mãos, assaz conhecidas daquelas pobres orelhas, Gabriel sentira o patrão». (Herculano, *Lendas*, II, 250). “Não faço eu tão fraca idéia de mim eu do leitor, que suponha assaz falta de interêsse a minha narrativa». (Idem, *ibidem*, II, 277). «assaz grato lhe seria vê-lo bispo da sua sé”. (Idem, *Bobo*, cap. VI, pág. 88). «este acontecimento pareceu-me assaz chocho”. (Camilo, *Morgada de Romaria*, pág. 12, apud Moraes). “Representava ter quarenta e cinco anos, mas estava assaz conservada.» (Machado, *Histórias da meia-noite*, pág. 39). “Parecia-lhe assaz jovem o afoito cavaleiro». (Afrânio Peixoto, *Tristão e Iseu*, pág. 42, apud Moraes). «Por mais que custe à vossa ternura, às vossas assaz inquietas sclicitudes, é preciso fazê-los passar por isso.» (Otoniel Mota, *Valor*, cap. VII, págs. 88-89).

40. **Em francês.** O principal advérbio para a formação do superlativo em francês é *très*, mas usam-se muitos outros: **fort** (já mencionado), **remarquablement**, **excessivement**, **extrêmement**, **bien**, **formidablement**, **profondement**, **incroyablement**, **follement**, **infiniment**; na língua falada “la comédie était joliment amusante”, “l'affaire est rudement compliquée”.

41. **Em italiano.** Além de **molto** e **assai** o italiano serve-se de **oltremodo**; com outros advérbios o superlativo adquire um tom exagerado e hiperbólico: **sommamente**, **estremamente**, **immensamente**, **infinitamente**, **enormemente**, **straordinariamente**, **eccessivamente**, **terribilmente**. (Battaglia).

42. **Em português.** Os advérbios usados em português são mias ou menos os mesmos das outras línguas irmãs:

**extremamente**, **excessivamente**, **indizivelmente** (pouco comum), **demasiadamente** ou **demasiado** (Herc. Monge vol. II, cap. XXIV, pág. 237), **nimlamente**, **tremendamente** (Bern., *Últimos fins*, pág. 148) **sobremodo**, **sobremancira**, **desesperadamente** (Almeida ed. bras., *Jeremias*, 17.9), **integramente**, **superlativamente** (raro), “piramidalmente estúpido” (Camilo, *Doze casamentos*, pág. 56, raríssimo), “supinamente incompreensível” (Aldous Huxley, *Contraponto*, trad. de Érico Veríssimo e Leonel Valandro, cap. XI, pág. 148, “absolument incompréhensible” na trad. franc. de J. Castier, pág. 160). «horas [...] infundavelmente longas» (cap. XII, pág. 166, “longues, longues sans fin», pág. 178), “você todos são assombrosamente insípidos”, (pág. 170, “vous êtes tous si ternes!”, pág. 182), “exageradamente felizes, absurdamente felizes” (cap. IX, pág. 120, “heureux au-delà de toute raison et de toute proportion”, pág. 130).

43. **Outros recursos. Prefixos.** Conquanto não sejam os mesmos que em latim, os sufixos desempenham papel importante na formação do superlativo românico.

44. **Em italiano.** O italiano usa **arci—**, **stra—**, **sopra—** (sovra—): **arcistufto**, **arcicontento**, **stracarico**, **strapieno**, **strarico**, **soprabbondante** (sovrabbondante), **sovraccarico**. E com caráter científico ou publicitário, **super—**, **ultra—**, **extra—**, **Iper—**: **supercolossale**, **supernaizionale**, **superveloce**, **ultrarrápido**, **ultrapotente**, **extrafino**, **iper crítico**, **ipersensibile**, etc. (Battaglia).

45. **Em francês.** O francês tem extra-fin, surfin, superfin, ultra-comique, archifou.

46. **Em espanhol.** Menéndez Pidal observa que êsse tipo de superlativo não é muito usado em espanhol (**Manual de gram. hist.**, pág. 221): rebueno, refeo, relimpio, reviejo, resabido, retepeinado, requetesalado, requetebueno, sobre-abundante, sobresaliente, sobre-agudo, sobrebueno, sobrebarato, superfino, superabundante, perblanco, perciego, perdañoso, perilustre, perínclito, peripuesto, archimillonario, extrafino, extrasensible.

47. **Em português.** Arquimilionário, arquitolo, ultra-apressado, ultracivilizado, ultracurto, superlotado, superfino (Machado, **Iaiá Garcia**, pág. 179), revelho (Camilo, **Enxertado**, pág. 100), perfulgente (Idem, **Divindade**, pág. 146) super-legal (gíria moderna).

48. **A repetição do adjetivo.** Assim como o latim (§6), as línguas românicas repetem às vêzes o adjetivo para exprimir uma noção de superlativo. Em italiano o processo é freqüente, vivo e elegante: “due occhi neri neri”, “un fanciullo vispo vispo”, “un’acqua limpida limpida”, “una notte scura scura”, “un’anima candida candida”, “un’acquerugiola fine fine, cheta cheta, ugual uguale” (Manzoni, apud Battaglia).

Em francês: “le spectacle était beau, beau”, “il faisait chaud, chaud...”, “la mer était bleue, si bleue...”, “c’est une vieille, vieille histoire que nous vous présentons rajeunie”, “oeuvre de longue patience, qui a nécessité maint et maint effort”.

Em português não é muito comum: “era uma casa grande, grande”, “tenho um quadro lindo, lindo”, “são uns olhos negros, negros”. Mais comum é a repetição do advérbio: logo logo, quase quase.

49. **O diminutivo e o aumentativo.** Os sufixos de diminutivo e aumentativo também podem encarecer a significação do adjetivo: agarradinho, sòzinho, cosidinho com a parede, cheinho (Camilo, **Prazins**, pág. 104), “uma alocação retheadinha

de divagações” (Machado, **Crônicas**, I, 11); felizão, porcalhão, fracalhão (Coelho Neto, **Frechas**, pág. 63).

50. **O uso de um sinônimo.** O italiano faz seguir ao qualificativo outro adjetivo, a intensificar e reforçar o valor do primeiro: ubriaco fradicio, pieno zeppo, un bicchiere colmo raso. (Battaglia). Cp. “ueterem atque antiquam rem” (Plauto, **Anfitrião**, verso 118).

51. **Grau normal + superlativo.** Em francês, “il est un fourbe fourbissime”, em italiano “egli è un uomo abile, abilissimo”, “siamo stanchi, stanchissimi”.

52. **A comparação introduzida por “como”.** Francês “blanc comme neige”, “long comme un jour sans pain”, esp. “esta sâbana está blanca como la nieve”, port. “puro como um lírio”, “velho como a Sé de Braga”, “burro como uma porta”, “rico como um porco” (Camilo, **O demônio do ouro**, II, 150), “esperto como ninguém”, “sabido como êle só” (Galeão Coutinho, **Confidências de D. Marcolina**, pág. 13), inglês “poor as a church mouse”.

53. **Com “todo”.** Italiano “sei tutto sporco”, “la campagna era tutta verde”, “essa si sentiva tutta contenta”, “me ne sto tutto solo” (Battaglia), francês “tout-puissant”, “une importance toute spéciale”, port. “todo-poderoso”, “tôda formosa e engraçada Maria” (Bern. **Floresta**, vol. I, pág. XXXI), “tôda graciosa” (Idem, **ibidem**).

54. **Processos diversos.** Em italiano: “egli è il fedele tra i fedeli”, “um puro tra i puri”, “sei buono tu Comonte, grande tra i grandi” (Battaglia). Francês: “ils sont aussi dissemblables que possible”, “des idées tout à fait opposées”, “la chose est on ne peut plus simple”, “cet enfant est impoli comme tout”, “il est tout ce qu’il y a de plus riche”, “elle est d’une gaieté...”, “il est d’un sombre...”, “c’est par trop fort”.

55. **Em português.** “Rico a mais não poder”, “podre de rico”, “o que há de elegante”, “o que há de mais moderno”,

“inteligente a valer”, “louco rematado”, “doido varrido”, “laranja p’ra lá de boa”, “grande p’ra chuchu”, “feito p’ra burro”, “burro com três erres”, “uma bêsta quadrada”, “sãozinho da silva” (Monteiro Lobato, *Urupês*, pág. 132), “tolo chapado”, “um pedantão chapado”, (Castilho, apud Aulete, “Chapado”), “um tratante de marca maior”, “um maroto de marca!...” (Camilo, *Aventuras de Brasília Fernandes Enxertado*, cap. XII, pag. 139), “Ou te queria mui pouco ou a covardia era maior ca marca!” (Idem, *Ninães*, cap. XVIII, pág. 170), “esta geração de hoje em dia afistulada de herpes e podre até às medulas” (Idem, *ibidem*, cap. X, pág. 98), “nao comparemos quadras, que esta e desgraçada a mais não poder ser” (Idem, *ibidem*), “divulgou o despondonor da menina com côres negras a mais nao poder” (Idem, *ibidem*, cp. XVIII, pág. 167), “Homem de habitos regulares, a mais nao poder ser” (Dinis, *Família inglesa*, cap. IX, pag. 98), “o caminho é um bocado comprido”, “esta um bocao estragadinho”, “purificado sete vêzes” (Tradução Brasileira, *Salmo 12.6*), “que coisa mais ridícula!”, “mais alvo uo que a neve”, “gordo que nem um adufe”, “caninha danada de boa”, “grande tôda a vida”, “é o que se pode chamar bom” (Ferreira de Castro, *A selva*, pág. 140), “diticil como o diabo” (A. Huxley, *Contraponto*, trad. de E. Veríssimo e L. Vallandro, cap. X, pág. 133, “diantrement difficile” na trad. de Jules Castier, pág. 144). O caboclo brasileiro desconhece superlativos sintéticos e usa perífrases como “um horrô de feio”, em vez de feíssimo (Otoniel Mota, *O meu idioma*, pág. 33).

56. **O superlativo relativo.** A anteposição do artigo ao superlativo analítico (*magis fortis de ceteris*, §16) é uma criação românica, provavelmente posterior ao latim vulgar. Como observa o prof. Maurer, *Unidade da România*, pág. 154, na Idade Média o superlativo português aparece frequentemente sem artigo, dando-se o mesmo no francês e no italiano. Mas depois se impõe o uso do artigo definido. O romeno recorre a um artigo especial: “omul cel mai frumos”, italiano “l’uomo più virtuoso”, francês “la chose plus belle” ou “la plus bellè chose”, espanhol “el soldado más valiente”, português “o rosto mais sereno”, ou “a mais dolorosa surpresa”.

57. **Repetição do artigo.** Na construção francesa “la chose plus belle”, foi preciso, a partir do século XVII, repetir o artigo e dizer “la chose la plus belle” (Bourciez). E acrescenta Mário Barreto, *Novos estudos*, pág. 96: “Mas tal uso só se admitiu definitivamente no século XVIII. Apesar de Vaugelas e da Academia —, diz Darmesteter — a maior parte dos escritores do séc. XVII empregavam ainda a antiga construção **la chose plus belle**:

Chargeant de mon débris les reliques **plus chères**. (Racine, II, 519).

Do francês moderno a construção passou para outras línguas. “Nestes casos reputa-se galicismo a repetição do artigo determinativo: “o môço o mais guapo do lugar, los salvajes los más crueles, egli è il giovane il più bello”. (Idem, *ibidem*, pág. 95).

Em português, espanhol e italiano, quando o superlativo vem depois do substantivo precedido de artigo (a casa mais alta), não se repete o artigo, conforme o uso dos mais vernáculos escritores 9.

58. **Omissão do artigo.** Quando há um possessivo, pode omitir-se o artigo em português: “a muda sabedoria de seus (ou dos seus) mais leves movimentos”. “O campo vestia-se de seus mais opulentos e matizados trajos.” (Júlio Dinis, *Serões*, pág. 5).

---

(9) «Una volta si soleva ripetere l'articolo dinanzi all'aggettivo per meglio specificare il grado di superlativo (como se, invece di: 'Il maestro premierà i ragazzi più meritevoli della classe', si dicesse: 'Il maestro premierà i ragazzi i più meritevoli', ecc.). Quest'uso è ora abbandonato e si consiglia di scartarlo. Nel passato si riteneva un "francesismo" perchè è particolare alla sintassi francese; ma il Manzoni ne ha qualche esempio nel suo romanzo: "l'uomo il più felice di questo mondo" cap. 23; "nell'epoca la più clamorosa e la più notevole dell'età moderna" (cap. 28); "l'alloggio il più decente che potesse" (cap. 37); ma una volta che aveva scritto "agli uomini i più quieti" (cap. 2) corresse sopprimendo il secondo articolo. E anche oggi si è indotti qualche volta a ripetere l'articolo per conferire all'espressione un rilievo maggiore: è un costrutto, quindi, che si può tollerare per ragioni stilistiche, ma di cui è bene non abusare.

L'articolo determinativo va espresso anche quando il soggetto sia introdotto con un articolo indeterminativo: 'Un tramonto il più bello che si sia mai visto'.» (Battaglia e Pernicone, *La grammatica italiana*, pág. 170, §24).

Em francês se omite o artigo quando, depois do possessivo, vem um grupo formado por adjetivo e substantivo: “**mon plus grand plaisir**”, “**mon meilleur ami**”, “**son plus beau succès**”. Mas se o adjetivo vem depois do substantivo, é necessário usar o artigo: “**son succès le plus beau**”. Não se usa o artigo, outrossim, quando o superlativo é empregado com a preposição **de**: “**c'est ce que j'ai pu trouver de plus joli**”. Outrora se dizia **plus sem artigo** (construção latina, §6), para comparar duas pessoas ou duas coisas: “**Qui des deux est plus fou, le prodigue ou l'avaire?**” (Regnard, apud **Grammaire Larousse**, págs. 230-231).

Não havendo artigo definido antes do substantivo, deve-se colocá-lo antes do advérbio: “**maneira a mais incômoda**”, “**sistema o mais racional**”, “**um noivo o mais virtuoso**”. “Cf. o italiano **un uomo il più felice, un motivo il più ridicolo**, e o esp. **una comarca la más escuálida, seca y triste que puede imaginarse**, e o francês **un ouvrier le plus habile du monde**.” (M. Barreto, **Novos estudos**, pág. 98).

Apesar de insistentemente condenada, a repetição do artigo aparece às vezes nos escritores: “e isto no tom o mais natural do mundo”. (Alencar, **O Guarani**, vol. I, cap. III, pág. 23).

Exemplos dos três usos corretos (a casa mais alta, a mais alta casa, casa a mais alta) encontram-se em Sá Nunes, **Aprendeí a língua nacional**, vol. II, págs. 55-58 e em M. Barreto, **Novos estudos**, cap. VI, págs. 95-98.

As vezes se encontram exemplos de omissão insólita do artigo:

“Em seus sonhos de futuro contavam ambos o casamento, coisa que parece mais natural do mundo para corações amantes”. (Machado, **Contos fluminenses**, I, 312).

“ó mais formosa entre as mulheres”. (Almeida, **Cantares de Salomão**, 1.8 e 6.1) «ó formosíssima entre as mulheres”. (Figueiredo, **Cântico dos Cânticos**, 1.7. O original da Vulgata diz “o pulcherrima inter mulieres”). Aparece o artigo na Tradução Brasileira: “ó tu, a mais bela das mulheres”, (1.8, 5.9 e 6.1).

Num exemplo como “O orgulho é, de todos os pecados, o mais antigo e o mais comum, ao passo que a humildade é

mais rara e a mais bela de tôdas as virtudes”, mais rara, sem artigo, precisa entender-se como um comparativo (a humildade é mais rara **do que o orgulho** e é a mais bela de tôdas as virtudes).

59. **O superlativo alatinado.** Alguns autores empregam alatinadamente a forma sintética para a formação do superlativo reltivo (§13). Ao passo que **o máximo** e **o mínimo** (em lugar de **o maior** e **o menor**) entraram para o uso corrente, os outros são de uso literário e artificial, puro latinismo:

“Eu creio que o leitor denega sua fé aos sucessos que lhe contei. É injusto com a máxima parte déles”. (Camilo, **O bem e o mal**, conclusão, pág. 241). “este adiamento era o máximo sacrificio que podia fazer à realêza». (Dinis, **Serões**, pág. 17). “pedindo a máxima brevidade no levantamento da suspensão». (Camilo, **O bem**, cap. VIII, pág. 106) “não há o mínimo traço de agastamento”. (Rui, **Réplica**, n.º 386, pág. 482 apud Sá Nunes, **Aprendeí**, II, 57), “conseguem realizar a entrega da praça, sem o mínimo combate manifesto”. (Dinis, **Família inglesa**, cap. XXIII, pág. 280).

#### **O mínimo ao lado de o maior:**

«Outra singular excelência do amor de Deus é que, desacompanhadas dêle, as nossas maiores obras, emprêsas e fadigas não lhe agradam; e acompanhadas dêle até as mínimas lhe são muît aceitas”. (Bernardes, **Luz**, pág. 353).

#### **Exemplos de o péssimo, por o pior:**

“tu, o péssimo de todos” (Bern., **Estímulo**, pág. 87), «êle era o péssimo de todos» (Idem, **Luz**, pág. 263), “O péssimo de todos os galicia-mos” (Castilho, apud M. Barreto, **Fatos**, pág. 42).

60. **O melhor.** Não existe em português **o mais bono**; usa-se **o melhor**: “A nossa lei, e Ordenação do Reino, é a melhor que se sabe no mundo”. (**Arte de furtar**, cap. XXIX, pág. 143).

Especialmente no uso toscano o invariável **meglio** substitui **migliore**: “ho comprato la meglio stoffa del negozio”, “vendi pure i libri, ma i meglio conservali” (Battaglia).

**O ótimo** é raríssimo: “Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma.” (Machado, **D. Casmurro**, cap. XXXI, págs. 103-104).



61. **O pior. O mais mau e o mais ruim** são praticamente desusados, de modo que predomina o **pior**: “Sabeis vós quem é êste perro [=Maquiavel]? É o mais mau herege que vomitaram neste mundo as Fúrias de Babilônia”. (**Arte de furta**r, cap. XXIX, pág. 143). “cobrindo com capa de púrpura a mais ruim das paixões, a inveja”. (Herculano, **Cartas**, I, 214). **O pior** já aparece na **Virtuosa benfeitoria**: “começou de seer auarento em as ofertas que aua de fazer a nosso Senhor Deos, oferecendo-lhe sempre das peyores que possuua.” (Apud Nunes, **Crestomatia**, pág. 176).

O francês diz **le pire** ou **le plus mauvais**. Especialmente no uso toscano, **peggio**, invariável, substitui **peggiore**.

62. **O maior. O mais grande** é arcaico e muito menos comum que o **maior**, usado já no século XIV: “He um rei dos mais grandes do Decan”. (Garcia da Orta, apud F.T.D., **Gram. hist.**, pág. 348). “E o despenseiro catou todos do maior ataa o mais pequeno”. (Serafim da Silva Neto, **Bíblia Medieval Portuguesa**, pág. 68). “...eemdo o mayor no rreino, sse ofereçera de booo grado de beijar a mãoa aa rrainha”. (Fernão Lopes, **Crônica de D. Fernando**, apud Nunes, **Crestomatia**, pág. 190) <sup>10</sup>. Em **De gramática e de linguagem**, cap. II, págs. 35 e 36, condena M. Barreto a construção “o mais grande acêrca dos nossos gramáticos”, comentando: “Pode um escritor ser castiço, correto e puro sem descambar em têrmos e dizeres que tresandam a bafio.” Em espanhol parece ser comum.

Como **enorme** significa **muito grande**, **o mais enorme** só se usa como recurso expressivo (§31): “solta-se contra êle o mais enorme leão que jamais foi criado nas montanhas”. “nos seus mais enormes absurdos”. (Rui, **O Papa**, pág. 309). “a graveza dêste pecado, que em verdade é um dos mais enormes”. (Bern., **Tratados**, II, 483).

---

(10) “E Josep tomou Manasse, que era o primeiro, e o maior, e pose-o aa destra parte de Jacob, e pos-se Efraym, que era mais pequeno aa seestra parte, e adorou-o, e pediu-lhe que os beenezesse. E Jacob cancelou a remudou as mãos, e posse a mão destra sobre Efraym, que era mais pequeno; e Josep non ouve aquelo por bem, e disse: non compre assy padre, ca este outro he o maior, que naceu primeiro.» (*Bíblia Medieval Portuguesa*, pág. 73).

63. **O menor. O mais pequeno**, que foi bastante empregado, começa a entrar em desuso. Exemplos:

“e ficou com ele Benjamym, que era o mais pequeno”. (*Bíblia Medieval Portuguesa*, pág. 67). “que tomasse o vaso de prata, per que bevia Josep, e que o metesse eno sacco do irmão mais pequeno Benjamym». *Ibidem*, pág. 69). “Senhores, as horas mais pequenas são as da oração e do servir a Deus». (Bernardes, *Floresta*, I, 1). «Certamente os mais pequenos do rebanho os arrastarão” (Almeida, *Jeremias*, 50.45). “a mais pequena de tôdas as sementes”. (Idem, *Marcos*, 4.31. Em Figueiredo, a menor). “Um lépido sagüi das raças mais pequenas”. (Guerra Junqueiro, *A morte de D. João*, pág. 284). As duas formas, lado a lado: “hostilidade súpita, que se traia nas mais pequenas coisas, e que a menor faisca fazia rebentar em terríveis explosões». (Dinis, *Serões*, pág. 143).

O francês usa *le moindre* ou *le plus petit*.

64. **Superlativo com diminutivo**. Na linguagem falada e familiar, usa-se o diminutivo como expressão de carinho: “foi sempre o mais bonitinho de todos”.

65. **Refôrço do comparativo**. Como o latim (§7), as línguas românicas também admitem um refôrço para o comparativo: italiano *molto più caldo*, *assai più caldo*, *troppo più caldo*; francês *bien plus étonné*, *beaucoup plus grand*, *encore plus digne*; espanhol *mucho mejor*, *mucho mayor*, *mejor que mejor*, e na língua clássica *muy peores*; português *bem maior*, *bastante melhor*, *muito menor*, “*muy mays pequena condiçom*” (Nunes, *Crest.*, pág. 78), “*muy peor*” (*Ibidem*, 156), “*muitíssimo mais inocente*” (Camilo, *Enjeitada*, cap. XVI pág. 140), “*incomparavelmente mais brandas*” (Herc., *Monge*, II, cap. XXIV, pág. 238), *incomensuravelmente mais largo*.

**Mais melhor** aparece na fala de pessoas incultas que desconhecem o valor comparativo de *melhor*, e não representa recurso de ênfase. Ênfase há no seguinte passo de Vieira: “Não só diz que é muito melhor, senão muito mais melhor”. (*Sermões*, vol. VIII, pág. 537, n.º 466 *passim*).

66. **Refôrço do superlativo**. O português seiscentista costumava reforçar o superlativo com o advérbio: *muy sapientíssimo*, *muito bellissimo*, *mais péssimo*. No século XIX ainda se encontram exemplos, bem que raros, em Camilo, “o dogma

mais sacratíssimo” (**Coração**, 227), “as duas mais nobilíssimas” (**Doze casamentos**, 59) e em Júlio Dinis, “a mais altíssima” (**Morgadinha**, 305).

Essas construções foram completamente repelidas da linguagem moderna. Na língua falada, entretanto, uma forma como “o mais burríssimo”, seria excepcionalmente expressiva, exatamente pelo seu caráter insólito.

Há outros processos que expomos a seguir.

67. **Superlativo do advérbio.** O uso do superlativo do advérbio **muito** é outro recurso de refôrço: “muitíssimo desgraçado” (Camilo, **Regicida**, pág. 80), “muitíssimo ordinários” (Galeão Coutinho, **Confidência de D. Marcolina**, cap. V. pág. 23).

68. **Refôrço do sufixo.** O português **grandessíssimo**, estudado no §34, e o espanhol **muchusísimo** (Menéndez Pidal, pág. 222), onde se nota a repetição da sílaba **si**, são também exemplos de superlativo enfático.

69. **Prefixo e sufixo.** Em espanhol há **recontentísimo** e em português só se usam jocosamente: **ultra-chiquérrimo**, **bisclaríssimo** (Herc., **Lendas**, II, 222). Essas formas serão antes criações naturais do que imitações do latim (§9).

70. **O mais possível.** O português não usa o verbo **possum**, como o latim (§9), mas o adjetivo **possível**: “definições completas, o mais possível”, “definições o mais possível completas”, “definições completas tanto quanto possível”, “definições tão completas quanto possível”.

71. **Complemento do comparativo.** Conservaram-se nas línguas românicas os dois modos de construir-se o complemento do comparativo (§15): “plus fortis quam frater” ou “de fratre”. O complemento preposicionado tem maior extensão na România, mas o conjuncional é igualmente antigo.

A preposição **de** aparece no francês, espanhol e português antigos e no romeno e italiano modernos. A conjunção

é usada em francês, espanhol, português e às vêzes no italiano. Um cruzamento das duas construções aparece em espanhol (de lo que), onde deve ser rara, e no português (do que), onde é muito comum.

Francês antigo “homme de moy plus grand” (Mārot), homem maior do que eu; “nul mieux de toy” (du Bellay), ninguém melhor do que tu. (Júlio Moreira, *Estudos*, I, pág. 64).

Espanhol antigo “de mi mucho mejor”, “de la qual ninguna cosa hay más digna”. (Idem, *ibidem*).

Português antigo “nom foi menor de seu padre”, “uyo estar hũu castello mais grande e mais alto e mais fremoso de quantos no mundo auya” (*Crestomatia arcaica*, pág. 61).

Romeno “mai bogat de tine”, mais rico do que tu, mas ordinariamente **de** é reforçado por *cît* (quantum): *maî bogat decît tine*, “tigrul este mai crud decît leul”, o tigre é mais cruel que o leão. (Bourciez).

Italiano “tu sei più studioso di me”, “più bianca della neve”, construção mais normal e mais comum.

A conjunção **que** é usada em francês, espanhol e português: “la rose est plus belle que la violette”, “les remèdes sont plus lents que les maux”, “j’en suis affligé plus que personne”, “Juan es más severo que Pedro”, “el agua es mejor que el vino”. Quando vem claro o verbo da oração comparativa, o francês e o italiano usam a forma negativa: “Le temps est meilleur qu’il n’était hier” (P. Larousse, *Gram.*, p. 75), o tempo está melhor do que estava ontem, “Tu sei più studioso che non sia tuo fratello” (Battaglia e Pernicone, *Gram.*, pág. 168), tu és mais estudioso que o teu irmão (o é), a menos que a primeira oração seja negativa: “Les rochers de Thrace ne sont pas plus sourds aux plaints des amants désespérés que Télémaque l’était à ses offres.” (Fénelon, apud Epifânio, *Gramática francesa*, §307, pág. 299).

As vêzes se encontra a conjunção **che** em italiano: “tu sei peggio che lui”, “Roma é più antica che Firenze”, “io sono

molto più stanco che te”. No último exemplo se nota a forma oblíqua do pronome (**te**), em lugar da forma de nominativo (**tu**), que se usava em latim e que se conserva em português: eu estou muito mais cansado que tu. Fenômeno semelhante se observa na linguagem popular de Portugal: “é mais alto ca ti”.

O latim **quam** transformado em **ca** aparece no português antigo e na linguagem popular de Portugal: “sodes melhor cavaleiro ca eu” (Nunes, **Crrestomatia**), “é mais velho ca mim” ou “do ca mim”. (Júlio Moreira, **Estudos**).

72. **Comparação de duas qualidades da mesma coisa.** Na comparação de duas qualidades da mesma pessoa ou coisa, as línguas românicas usam a forma analítica do comparativo, inclusive com os quatro adjetivos que possuem forma sintética, e o complemento conjuncional (§12).

Italiano “tu sei più intelligente che studioso”, isto é, “che (non sia) studioso”, “egli é più tímido che prudente”, “noi ci sentiamo più annoiati che stanchi”. O uso de **che non** em lugar do simples **che** depende do sentido estilístico particular da oração: “egli é più studioso che intelligente”, ou “egli é più studioso che non intelligente” (e agora se deseja sublinhar mais fortemente a falta de inteligência).

Francês “il est plus courageux que sage”, ou com **encore**, “il est encore plus courageux que sage”, ou com a negativa, “il est encore plus courageux qu’il n’est sage”. Para indicar que o sujeito não possui a segunda qualidade, o francês usa **plutôt que**: “il est brave plutôt que sage”, ou “il est plutôt brave que sage”. Uma expressão como “os tiranos, em vez de ser respeitados, são temidos”, pode exprimir-se por “les tyrans sont plutôt redoutés que respectés” ou “on craint les tyrans plutôt qu’on ne les respecte”. “Nas comparações negativas, v.g. **Il n’est pas aussi riche que prodigue**, também se diz freqüentemente: **Il est plutôt prodigue que riche.**” (Epi-fânio, **Gramática francesa**, §302, B, b, obs., pág. 297).

Em português parece não ser muito comum êsse tipo de comparação:

“A peste foi mais ameaçadora do que funesta”, “êle é mais tímido que prudente”, “estavam mais curiosos do que assustados”, “êle é mais bom do que mau (e não melhor do que mau)», «êle é mais mau do que bom», “aquêle homem é mais grande que pequeno”. “Só na alma espanhola, mais grande inda que louca, essas finezas cabem.” (Filinto Elísio, apud F. T. D., *Gram. hist.*, pág. 348). “El-rei D. João era homem [...] de meia estatura; porém mais grande que pequeno.” (Garcia de Resende, *Retrato de D. João, II*, apud P. S., *Sintaxe*, pág. 39).

73. **Complemento do superlativo.** “Magis fortis de ceteris”, construção vulgar (§16), foi a que persistiu nas línguas modernas. O italiano usa a preposição **di**: “tu sei il più studioso della classe”, “quella torre è il monumento più bello della città”, “Firenze é la città più artistica d’Europa”. O francês e o Português, **de**: “le désespoir est le pire de tous les maux”, “c’est le moindre de mes soucis”, “la plus coûteuse des guerres”, “le plus honnête des hommes”, ou, com atenuação do superlativo, “une guerre des plus coûteuses”, “un homme des plus honnêtes”.

José Pereira Tavares, *Epítome de gramática portugêsa*, pág. 165 e Vasquez Cuesta, *Gramática*, pág. 327, ensinam que em português se diz, indiferentemente, “Antônio é o mais inteligente dos alunos, entre os alunos ou dentre os alunos”, “Antonio era o mais rico entre (ou dentre) os irmãos”, em espanhol “Antonio era el más rico de los hermanos”. Afigura-se-nos, porém, que **entre** (ou **dentre**) é menos comum que **de**, e talvez imitação do latim (§13): “pulcherrima inter mulieres” (Vulg., *Cant.*, 1.7), “formosíssima entre as mulheres” (Figueiredo), “la plus belle d’entre les femmes” (Carrières, 1839, três vêzes: 1.7, 5.9 e 5.17, duas vêzes em Ostervald, 1871), mas “la plus belle des femmes” em Ostervald 6.1 e três vêzes em Louis Segond (1910). Às vêzes também aparece **parmi**. Em italiano **fra** ou **tra**: “voi due siete i ragazzi più coragiosi fra noi”, “egli è il più bravo tra i pittori d’oggi”.

Às vêzes o superlativo é usado sem o complemento partitivo, mas êste fica subentendido: “Il mio ricordo più bello”, isto é, “il più bello dei miei ricordi”; “è il giornale più letto”,

“il più letto fra i giornali”; “gli amici più cari”, “i più cari tra gli amici”; “au moindre signe vous serez obéi”, “il avait mis son plus beau chapeau”; “Ofelia es la más habilidosa”; “Ofélia é a mais habilidosa”.

Freqüentemente a comparação é representada por uma oração adjetiva (com valor explicativo ou francamente consecutivo): “è la cameriera più fidata che abbiamo avuto finora” (isto é, “tra quelle che”), “sono i libri più consolanti che si siano scritti” (isto é, “tra quelli che”), “voilà la femme la plus gracieuse que je connaisse”, “les premiers actes de vertu sont toujours les plus pénibles” (poder-se-ia dizer “les plus penibles de tous”), “la fièvre jaune est une des maladies les plus meurtrières (poder-se-ia acrescentar “parmi toutes les maladies”).

As vêzes o superlativo relativo vem seguido de um complemento regido pela preposição **de**, o qual não representa a comparação (o complemento, partitivo ou de relação), mas é um simples complemento de especificação. Isso pode ocorrer quando o complemento é expresso por um substantivo singular não coletivo: “questa è la più bella casa di mia zia”, isto é, “questa è la più bella casa **tra quelle** di mia zia”, onde o complemento da preposição **di** exprime uma noção de especificação de posse; “questa è la casa più bella di lui”, isto é, “questa è la sua più bella casa” (Battaglia e Pernicone), “c’est le meilleur homme du monde”, “el día más frío del invierno”, “o dia mais frio d(os dias d)o inverno”.

## BIBLIOGRAFIA

- FARIA, Ernesto — *Gramática superior da Língua Latina*. Rio, Acadêmica, 1958.
- GREINER, E. et BILLORET, R. — *Grammaire du Latin*. Hachette, [1952.]
- ERNOUT, Alfred et THOMAS, François — *Syntaxe Latine*, 2e éd. revue et augmentée. Paris, Klincksieck, 1953.
- ERNOUT, A. — *Morphologie historique du Latin*, troisième éd., revue et corrigée. Paris, Klincksieck, 1953.
- RIEMANN, O. — *Syntaxe latine*, septième éd. revue par A. Ernout, Paris, Klincksieck, 1942.
- CLIMENT, Mariano Bassols de — *Sintaxis latina*. Madrid, 1956. Dois vols.
- LEWIS, Charlton T. and SHORT, Charles — *A Latin Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, [1958].
- MAURER JR., Theodoro Henrique — *Gramática do Latim Vulgar*. Rio, Acadêmica 1959.

- IDEM — *A unidade da România ocidental*. São Paulo, 1951.
- BLAISE, Albert — *Manuel du Latin chrétien*. Strasbourg, 1955.
- BOURCIEZ, Edouard — *Éléments de Linguistique Romane*, quatrième éd. Paris, Klincksieck, 1956.
- MONTEVERDI, Angelo — *Manuale di avviamento agli studi romanzi*. Milano, Vallardi, [1952].
- GREVISSE — *Précis de grammaire française*, 26e éd.
- IDEM — *Le bon usage*, 7e éd. Gembloux, Editions J. Duculot, 1961.
- LAROUSSE, P. — *Grammaire supérieure*, 29e éd. Paris, Larousse, [1927?].
- HAFE, J. Eduard von e DIAS, Augusto Epifânio da Silva — *Gramática francesa*, 8.a ed. Porto, Livr. Universal, [1895].
- GAIFFE, Felix (et alii) — *Grammaire Larousse du XXe Siècle*. Paris, Larousse, [1952].
- FOURVIÈRES, Xavier de — *Grammaire provençale*. [Avignon], Aubanel, [1952].
- BATTAGIA, S. e PERNICONE, V. — *La grammatica italiana*, seconda edizione migliorata. Torino, Loescher, [1957].
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA — *Gramática de la Lengua Española*. Nueva ed., reformada, de 1931. Madrid, Espasa-Calpe, [1959?].
- PIDAL, R. Menéndez — *Manual de gramática histórica española*, Décima ed. Madrid, Espasa-Calpe, 1958.
- DIEGO, Vicente Garcia de — *Gramática histórica española*, Madrid, Gredos, (1951).
- GAYA, Samuel Gili y — *Curso superior de sintaxis española*, Quinta ed. Barcelona, Spes, 1955.
- NUNES, José Joaquim — *Crestomatia arcaica*, 3.a ed. Lisboa, Livr. Clássica Edit., 1943.
- IDEM — *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 3.a ed. Lisboa, Livr. Clássica Edit., 1945.
- COUTINHO, Ismael de Lima — *Pontos de gramática histórica*, 3.a ed. Rio, Acadêmica, 1954.
- PEREIRA, Eduardo Carlos — *Gramática expositiva*, 99.a ed. S. Paulo, Edit. Nacional, [1956].
- IDEM — *Gramática histórica*. S. Paulo, Weisflog, 1916.
- F.T.D. — *Novo manual de Língua Portuguesa*, Curso superior. S. Paulo, Francisco Alves, [1925].
- IDEM — *Gramática histórica*. S. Paulo, Alves, [1972?].
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro — *Serões gramaticais*, 5.a ed. Salvador, Progresso, 1950.
- ALI, M. Said — *Gramática secundária da Língua Portuguesa*, 2.a ed. S. Paulo, Melhoramentos, 1927.
- CUESTA, Pilar Vazquez y LUZ, Maria Albertina Mendes da — *Gramática portuguesa*, segunda edición. Madrid, Gredos, (1961).
- MOREIRA, Júlio — *Estudos da Língua Portuguesa*, vol. I. 2.a ed. Lisboa, Livr. Clássica Edit., 1922.
- BARRETO, Mário — *Novos estudos da Língua Portuguesa*, 2.a ed. São Paulo, Francisco Alves, 1921.
- SILVA, Antônio de Moraes — *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.a ed. revista, corrigida, muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior, e José Pedro Machado. [Lisboa]. Confluência. [1949-1959]. Doze volumes.